

## Cultura e política

Publicação: [O Mundo em Português Nº57](#)

Data de Publicação: Novembro/Dezembro de 2004

Autor: Volker Perthes

Nima Saidi, 27 anos, é vocalista dos Taboo, que, de acordo com os seus fãs, está no top das cinco ou seis bandas do Irão. Nima e os amigos distribuem flyers para os seus concertos em diferentes eventos culturais. A música rock não é considerada islamicamente correcta pelos governantes em Teerão: durante as performances – os Taboo são autorizados a dar três ou quatro concertos por ano – os padrões morais são cuidadosamente controlados. É proibido dançar ou executar qualquer tipo de movimento rítmico e a violação desta regra pode levar à rápida interrupção do concerto.

Foi na era Khatami, diz Nima, que actuar como uma banda rock se tornou de todo possível. Mas o governo não irá certamente conceder aos músicos iranianos liberdade para tocarem quando, como e o que quiserem. Um parlamento dominado por conservadores, tal como o que resultou das eleições, um tanto ou quanto manipuladas, da última Primavera, é visto por Nima como um recuo: talvez, afirma, diminuam as autorizações para actuações da sua banda, e das outras. Mesmo assim, ele crê que será difícil ao governo voltar atrás nas liberdades de expressão artística que já concedeu.

Não é ainda claro de que forma esta nova maioria conservadora no majlis, o parlamento do Irão, influenciará a política cultural do país. A maioria dos observadores, incluindo vozes críticas e liberais, parece estar bastante tranquila com a recente viragem para o conservadorismo. Primeiro, hoje em dia o entusiasmo no Irão pelo reformista presidente Muhammad Khatami é acentuadamente menor do que no Ocidente – muitos dos seus antigos seguidores acusam-no de fazer lindos discursos sem concretizar nenhuma das suas promessas. Segundo, muitos consideram que os conservadores que agora dominam o parlamento têm uma visão pragmática, existindo a esperança de que sejam capazes, pelo menos, de dirigir adequadamente a economia do país. E, finalmente, argumentam em uníssono apoiantes dos reformadores e da nova maioria, os conservadores não serão capazes de governar «contra a demografia», contra uma

população esmagadoramente jovem que já reivindicou as suas liberdades: cerca de 50% dos iranianos tem menos de 20 anos.

De acordo com um editor, algumas das autoridades conservadoras poderão agora procurar um controlo ainda mais apertado sobre a produção de filmes e a publicação de livros, bem como sobre os produtores e editores. As coisas poderão tornar-se mais complicadas se houver uma remodelação dos lugares-chave no seio da burocracia cultural, de forma a reflectir a nova maioria no parlamento. Uma célebre actriz concorda com a opinião dos jovens músicos rock. Provavelmente, a partir de agora obter autorização para a produção de séries televisivas ou filmes críticos demorará mais tempo, considera, mas será difícil restringir a liberdade de expressão artística em si. Talvez, diz Behruz Gharibpoor, director do Fórum de Artistas Iranianos, as coisas se tornem um pouco mais conservadoras, talvez alguns dos funcionários mais progressistas tenham mesmo de abandonar os seus cargos. No entanto, os dias perigosos, quando segmentos do sistema iraniano abominavam qualquer tipo de música, filme ou exposição, estão definitivamente no passado. Mesmo os ideólogos islamitas, de acordo com Gharibpoor, perceberam que a arte é uma necessidade.

A era Khatami tem tido as suas próprias normas para assegurar que as produções culturais são compatíveis com os parâmetros morais e ideológicos das elites governantes. Algumas dessas regras parecem um pouco estranhas, tal como a proibição que impede as cantoras de actuarem sozinhas – enquanto que duas ou mais mulheres cantarem sozinhas ou com um grupo de homens já é considerado correcto. Nas produções de teatro ou cinema, as mulheres são obrigadas a usar sempre um véu, mesmo durante as cenas domésticas ou em cenários estrangeiros, quando o vestuário não corresponde à realidade retratada. Se o guião incluir uma cena em que um pai abraça a sua filha, não se pode fazer: afinal, os actores na vida real não são casados ou parentes. Os artistas adaptam-se a estas normas. Como aponta um realizador, existem algumas barreiras que todas as pessoas aprenderam a não ultrapassar – e, de facto, algumas proibições conduziram a uma maior criatividade. Muitos aspectos da política cultural estão constantemente em evolução e, tal como a política iraniana em geral, são caracterizados pela ambiguidade. Isto é verdade no que diz respeito à história do filme *Marmulak* («O Lagarto») de Kamal Tabrisi, uma comédia cuja principal personagem, um prisioneiro em fuga, se veste como um mullah e assim consegue escapar à lei. O filme, que ridiculariza de modo libertador os mullahs iranianos e o seu embaraçoso código de conduta, foi um sucesso sem precedentes nas bilheteiras. No entanto, após protestos de elementos conservadores do sistema religioso, o filme foi retirado dos cartazes das salas de cinema, inicialmente em cidades seleccionadas e

mais tarde em todo o país. De acordo com o realizador, isto reflecte claramente o ressurgimento de um sentimento conservador; mas, por outro lado, o filme nunca foi oficialmente banido. Cópias em CD estão livremente disponíveis nas ruas e surgiu no Iran News, um dos quatro diários anglo-saxónicos, uma crítica bastante entusiástica. O sentido de humor do filme, disse-se, ridicularizou brilhantemente o clero xiita do país que «é tão popular cá como foi o seu homólogo católico na Europa do século XVI».

Em parte, a calma com que o panorama cultural do Irão encara a viragem para o conservadorismo político deve-se à perspectiva de um liberalismo pragmático prometida pelos membros da nova maioria no parlamento. «Como novos conservadores», afirma Amir Mohibiyani, co-editor de Risalat, um jornal conservador, «nós estamos conscientes da mudança social. Nós acreditamos na construção de uma sociedade islâmica, mas não pensamos que seja boa ideia construir uma sociedade fechada. Não devemos prestar demasiada atenção a questões de moda, como a forma escolhida pelas jovens para usarem o seu véu». Alguns observadores críticos, no entanto, vêem o pragmatismo aparatoso dos novos conservadores como uma espécie de tolerância repressiva. O principal objectivo dos conservadores, argumenta um clérigo dissidente, é essencialmente despolitizar o povo. Para esse fim, diz, estão dispostos a aceitar que as jovens usem o seu véu como quiserem e a tolerar a disseminação da televisão por satélite, que permite o acesso a canais de televisão estrangeiros – imorais. O mais importante para os líderes conservadores do regime, ainda de acordo com o mesmo clérigo, é manter as pessoas nas suas casas, longe da rua. Uma defensora dos direitos das mulheres concorda. Os conservadores, afirma, não estão receosos do «mau hijab» das jovens. Contudo, têm medo dos livros e filmes que criticam a sua governação.

Os «novos conservadores» estão ansiosos por realçar a natureza multifacetada e original da cultura e da identidade iranianas. Não têm interesse, diz um dos seus líderes intelectuais, em impor um tipo de religião mais severo. Mesmo os iranianos mais devotos, argumenta, veneram simultaneamente o Corão e os versos de Hafiz, o grande poeta do século XIV tão conhecedor dos aspectos sensuais da vida. O trabalho de Hafiz está, de facto, fora do alcance de qualquer crítica puritana no Irão. No Museu de Arte Moderna de Isfahan, uma exposição especial do pintor Kamal Eddin Alavi realçou, entre muitas representações artísticas de citações corânicas, uma pintura caligráfica com um verso de Hafiz: «Vem à taberna», pode ler-se, «e deixa a tua face tornar-se púrpura; não vás ao templo, porque lá estão aqueles cujas faces são negras» – isto é, que são más pessoas. Ninguém parece incomodar-se com o facto de versos corânicos e versos de Hafiz partilharem pacificamente a mesma parede da exposição!!!